

James Anhanguera

BRASIL E AMERICA LATINA

NO FIM DE MUNDO DO PLANETA-MERCADO DA ERA TRUMP

do zapatismo ao pós-bolivarianismo no quintalão da Amerika

região permanece parte do "resto do mundo", que pouco importa

Dedicado aos "esquerdistas" que preferem os puros havanos
e aos cineastas que se regalam com Davidoff



revoluci

omnibus . com

Os movimentos dos rebelados nas florestas montanhosas de Chiapas, pouco depois da queda do muro de Berlim, foram acompanhados par e passo e à lupa pelos marxistas e “pós-marxistas” nostálgicos do sonho bolivariano do Che. O sonho impossível do d. Quixote argentino, que entretanto conquistara Cuba e o mundo, de uma América Latina nos antípodas do imperialismo yankee parecia-lhes vivo, na forma de uma rebelião contra o domínio absoluto do PRI (Partido Revolucionário Institucional, quanta ironia) na política do México de Emiliano Zapata – uma democracia de fachada, imperial. Paradoxal como a terra de terremotos e vulcões. Deu em nada: depois da queda do muro Fukuyama decretou o fim da história. O México ainda ensaiou uma alternativa ao PRI mas a ele voltou ainda mais problemático com a emergência dos cartéis do narcotráfico.

Agora o yankee Trump ameaça dar um chute no vizinho a seus pés, inimigo histórico mas de que os EUA são o maior parceiro eternamente dependente como seu prolongamento arrevesado e condenado ad aeternum aos desmandos do PRI, hoje sob pressão dos cartéis de narcotráfico abastecedores da Besta, que irá quiçá tomar as providências quando o calo começar a apertar-lhe para valer.

Com o propalado fim da história pretendeu-se sepultar a longa era das utopias, que passam a ser vistas como um ninho de serpente dos totalitarismos. Todas elas.

O primeiro dos supostos moralizadores da causa pública latino-americanos a ir parar na cadeia foi o peruano Alberto Fujimori. Dois outros ex-presidentes do Peru seguiram seu rastro recentemente por suposto recebimento de comissões da empreiteira brasileira Odebrecht, que saiu mundo afora a subornar governantes.

O zapatismo foi uma extensão no elástico do tempo da guerrilha de Sierra Maestra e das salvadorenha e nicaraguense dos anos 1970, das FARC na floresta colombiana e do Sendero Luminoso nos Andes. Da guerrilha ao narcotráfico, as FARC abrem um corredor de exportação de coca pela sede da Alba Bolivariana, enquanto a luta armada das guerrilhas cede a vez à tomada do poder pela via institucional, de forma orgânica e pacífica, através da conquista de uma sólida base eleitoral, como fez o Partido dos Trabalhadores no Brasil.

O movimento sandinista levou de vencida a guerra civil nicaraguense no dia em que o video da morte do cameraman norte-americano que fazia imagens

de um confronto nas ruas de Manágua foi o prato principal dos telejornais ao redor do mundo. O comandante Daniel Ortega projeta-se de óculos Ray-Ban e bluejeans no jet-set internacional (capital, Nova York, em pleno reinado de John Travolta, tendo por sede a discoteca Studio 54) ao lado da eterna Bianca Jagger e controla a Nicarágua até hoje.

Enquanto isso na Ásia o Pol Pot promove um genocídio. O terror manifesta-se mais uma vez na Europa na forma de genocídio. Camboja torna-se palavrão antes de Bósnia, os Balcãs a demonstrar como os homens não aprendem nem com as piores atrocidades e a banalidade do mal.

O bolivarianismo desponta de uma democracia de fachada dominada por uma oligarquia corrompida até o tutano, como a das ditaduras derrubadas antes na América Central e no Caribe. As atrocidades cometidas pelos títeres legitimavam toda sublevação.

Após o malogro da Baía dos Porcos o governo norte-americano jurou em cruz que não aparecia no continente uma outra Cuba e apoiou toda a sorte de atrocidades, inclusive através de um centro de treinamento de tortura, mantendo o decrépito sistema de oligarquias seculares para evitar o pior para os EUA, líder incontestado do “mundo livre”.

Os generais sul-americanos eram marionetes do Tio Sam no bloqueio à propagação da síndrome de Cuba no continente. Corporações como a atual AT&T eram também bases avançadas operacionais na repressão dos guerrilheiros comunistas e aparentados, como os montoneros, nascidos de uma ala do peronismo. Os brigadistas (os terroristas da época) recorrem à luta de guerrilha urbana sem nenhum resultado prático, além de uma ou outra ação isolada mais espetacular, como o rapto do embaixador norte-americano no Brasil, em 1969. Sobre eles logo se abate a repressão em conjunto das forças armadas de cinco países através da Operação Condor.

A América do Sul sob os coturnos dos “milicos”, sempre um cacho de repúblicas de bananas, permanece no século XXI uma massa amorfa com miséria, desigualdade e atraso em graus extremos, estagnação política, agudização dos problemas econômicos e também crescente dependência tecnológica.

O jogo sujo dos bastidores da repressão esparge um clima de vale-tudo em que vicejam os seculares abusos contra os direitos humanos e a corrupção. Países há em que o narcotráfico dá toque mais apimentado ao tempero

mortífero. Noutros, altíssimos graus de violência semeiam o pânico onde quer que se esteja.

Nunca importa o sangue derramado. A América Latina está livre da epidemia do socialismo, o quintalão latino-americano pacificado.

Cai o muro de Berlim e a região passa a ter ainda menos importância no contexto global, porque já não interessa nem pelas questões geoestratégicas da Guerra Fria.



Pouco a pouco, a partir dos anos 1980, os países sul-americanos retornam ao regime democrático com feridas insanáveis por ao menos mais uma geração e com instituições e órgãos representativos ineficientes, sem o que se poderá chamar com propriedade de consciência cívica e sociedade civil organizada.

Após a democratização o Brasil, como os outros, não promove as mudanças estruturais e comportamentais necessárias – que iriam requerer uma revolução de mentalidade –, o que contribui para o esgarçamento da malha social, violenta como em nenhum país que não esteja em guerra. Presos ou livres, todos passam a viver atrás das grades. Nas prisões, em condições ainda mais subhumanas: 40% da população carcerária da América Latina está em regime provisório, à espera de julgamento, e a prisão preventiva é vista como ferramenta de controle social na região.

A derrocada do império soviético levou à configuração de um suposto fim da história, que entretanto segue a sua marcha célere com os EUA no comando

do desGoverno Mundial do planeta-mercado, de Bush pai a Trump, duas guerras no Golfo Pérsico e a geoestratégia baseada nos interesses e conflitos do Médio Oriente, alvoroçados desde a revolução islâmica no Irã. A América Latina descamba na ordem de interesses do cenário mundial. Torna-se uma África esquecida.

Se a história só se repete como farsa, foi o que se deu na América Latina no limiar do século XX para o XXI.

A Nicarágua torna-se coutada do clã Noriega. Com a exceção da Costa Rica e do Chile, a salvo do populismo mas sangrado pela violência do regime de Pinochet e pela sua permanência forçada no controle das Forças Armadas e da investigação dos seus crimes, a região continua sob os flagelos do vilipêndio e do caudilhismo. Inopinadamente, sob a égide do populismo de esquerda, porque a dita direita (sendo, antes de qualquer coisa em termos ideológicos, vasto leque de bandos oligárquicos corruptos, tão somente ruins de caráter e feitio) não mais se sustenta após séculos de desmandos.

Os Estados Unidos têm agora mais o que fazer do que se preocupar com as diatribes dos mandões da vez do quintalão a bem dizer inútil – até ver: a América do Sul tem importantes reservas de minérios estratégicos para produtos da indústria de informação e os norte-americanos têm de mantê-la sob sua alça de mira.

O mundo é outro, e no mercado global comunismo à vera nem na China existe mais. O marxismo (mal aprendido e apreendido) torna-se um passe-partout para ex-guerrilheiros Tupamaros, Montoneros ou brigadistas brasileiros e a nova geração que ainda se curva ao sonho romântico do guevarismo (em guerrilha estilo Blade Runner, talvez, com clones e mutantes) usa-o como chamariz para a tomada do poder em nome da justiça social.

Justiça social em países tão dilacerados pela diferença de renda e má exploração de recursos na quase totalidade da região, com apenas um exemplo de melhoria, ainda que tímida, o Chile – pela tenacidade da índole das suas origens teuto-irlandesas? -, é o apelo mais óbvio para a conquista do apoio popular. Populismo e assistencialismo – uma velha receita com apenas um ingrediente diferente: uma pequena transferência de renda através de subsídios governamentais, que dão aos mais pobres acesso ao supermercado.

Na Bolívia, os índios cocaleros assumem o poder após uma longa era de golpes e contragolpes militares, quase sempre sob as ordens do general Hugo Banzer.

O coronel Hugo Chávez dá um golpe em pleno clamor público pela redenção depois do balde de água fria dos escândalos do final da longa era de prevalência de um suposto cidadão acima de qualquer suspeita, Carlos Andrés Pérez, que parecia um sul-americano mais ou menos civilizado, quanto mais não fosse ao estilo *O Discreto Charme da Burguesia*, de Luís Buñuel, que como Manuel Puig com *Boquitas Pintadas* fez quadro exaustivo do pano de fundo rastaquera da sociedade argentina tanguera e peronista (por parte de Evita), a bem dizer cunhou o gênero tragicomédia mexicana na sua obra de exílio debaixo dos vulcões.

As narrativas dos seus melhores autores, Puig, Sabato, Cortazar, Borges, Llosa, Marquez, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos ou Guimarães Rosa, fornecem subsídios de sobra para esclarecimento dos aspectos mais brutais e sinistros de homens e terras sul-americanas.

O golpe de Chávez falha e ele sai da prisão para a presidência quando a Venezuela vira a página da era da antiga oligarquia que nadava em piscinas de dinheiro dos negócios sujos do petróleo caribenho para o bolivarianismo – o sonho seminal de uma América Latina livre, unida e próspera.

Nunca em tempos recentes a região se pareceu tanto com os seus arquétipos. De forma inédita: com populistas ditos de esquerda (e no Brasil direção e base do Partido dos Trabalhadores um dia *o terão sido*) que se revelam afinal serem da mesma canga dos caudilhos caricatos ou burlescos que pareciam já pertencer apenas à história. O aspecto do ex-presidente brasileiro Lula da Silva em 2012 foi comparado por um analista político local ao de um sargento de filme mexicano.

Nestor Kirchner assume o poder na Argentina e a antiga churrascaria e celeiro do mundo continua cai-não-cai na bancarrota. Quase década e meia depois o kirchnerismo se esvai com o país economicamente de joelhos, como o Brasil pós-era Lula, embora os dois países do extremo do Cone Sul talvez não tão combalidos quanto a Venezuela após duas décadas de chavismo, que cai de Maduro. Depois de afetar seriamente a vida de muita gente que viajou de boa enquanto a velha oligarquia surfava no mar de petróleo.

E o bolivarianismo fenece depois de ter pretendido ameaçar a Babilônia americana com um bloco anti-imperialista compacto das Honduras à

Patagônia. Em nome da santa aliança, que levou a Venezuela a ingressar no Mercosul (de que acabou suspensa em 2016 por não respeitar regras de convivência), Lula da Silva ajudou a enterrar a Petrobras - a maior empresa da região nos anos 2000 - também com a construção de uma refinaria de petróleo ainda não concluída, orçada em sete bilhões de euros, e que segundo peritos nunca se pagará – irá render os dividendos nela investidos.

A ascensão do tandem Nestor-Cristina Kirchner, que retomam o apelo populista de Domingo Perón, embora sem vestígios do magnetismo da mártir Evita, coincidiu com a de Lula no Brasil.

Se cada país, do México à Argentina, segue rumo próprio em função das características específicas e falta de espírito comum, todos parecem ensaiar uma alternativa à política secular de desmando de uma “elite” mais ou menos branca, ou se tanto parda, que não corrigiu as distorções que levaram à sua favelização e a uma desigualdade em alguns trechos africana, ou até pior.

Lula da Silva traz também no bojo referências diretas a Getúlio Vargas, o líder brasileiro congênere de Perón (embora dominador exclusivamente por méritos próprios), o rei do Brasil de 1930 a 1954. Deles os petistas acabam por adotar, pretendendo seguir à letra, sem adaptação aos tempos modernos, a política trabalhista e o nacionalismo estatizante.

Com o suposto projeto esquerdista de justiça social em moldes pseudomarxistas, os novos donos do poder na América do Sul afagam o ego e a boa consciência dos desencantados esquerdistas europeus, alheios a que o que as circunstâncias pediriam em meio a tanta balbúrdia é administradores eficientes e não politiqueiros que, como ficou comprovado no Brasil, acabam até por corromper-se em nome da manutenção do poder e também para enriquecimento próprio.

Quando se dá a mudança, pelo revezamento da praxe em função do desgaste de quase duas décadas de poder ou pelos escândalos que provocam, os líderes dessa suposta frente anti-imperialista entregam o fardo, à força de golpes institucionais ou dos votos nas urnas, aos mesmos de sempre antes, por falta de verdadeiras alternativas e ausência de quadros políticos sérios e determinados a operar pelo bem comum.

Os seus países estão de rastros porque permanecem quase inteiramente dependentes do carrossel dos preços do mercado internacional das

commodities agrícolas e minerais, eternos fazendeiros agro&mineroexportadores, tão carentes e sempre desiguais.

A onda “esquerdista” fez bem ao ego dos cidadãos politicamente corretos de todo o mundo unidos, mas para quem não a surfou vivê-la dentro do próprio tsunami bolivariano-kirchnerista-lulopetista equiparou-se a ato continuado de masoquismo, porque os seus líderes não olharam a meios para realizar os seus projetos de poder enquanto ajudavam a arruinar as economias e agudizaram a crise político-institucional dos seus países, que levaram à lona. No caso do Brasil, cumprindo a meritória missão de dinamitar as estruturas institucionais corroídas pela corrupção e outros maus tratos. A crise internacional pós-2008 não é a única culpada pelo descontrole socioeconômico para onde se olhe na região.

No Brasil e nos outros países o quadro é o mesmo: não se procedeu de fato a nenhuma reforma estrutural, a começar pela melhoria da qualidade do ensino com vistas a mudar um cenário de muito baixo nível de formação, na expectativa de melhoria de perspectivas a médio e longo prazos.

Um dos principais problemas nos mais diversos ramos de atividade é a produtividade muito baixa, que levou a sua indústria no início da década ao antepenúltimo lugar entre as de 17 países da região. O nível de produtividade médio de um trabalhador da indústria na Bahia corresponde a um quinto da produção do operariado dos Estados Unidos. Motivo: baixa qualificação.

Mantendo o mesmo nível de sempre, apesar de nele serem investidos 5% do Produto Interno Bruto, o sistema educacional do Brasil não produz a mão-de-obra qualificada que propiciaria menores níveis de desocupação real (um terço da população em idade produtiva vive de “bicos”) e ajudaria a alavancar o mercado interno (com um potencial extraordinário) e o propalado desenvolvimento sustentado. Durante alguns anos a pobreza foi (pouco) reduzida à custa de subsídios e incentivos estatais ao crédito e ao consumo enquanto não se procedia ao implemento de políticas tendentes a uma mudança real, gradual que fosse, no horizonte mais ou menos próximo.

Os dois governos do Partido dos Trabalhadores, no período 2003-2016, limitaram-se a colher os benefícios do ciclo de alta do preço internacional das commodities e, quando estes começaram a declinar, a camuflar o desarranjo financeiro com manobras contábeis que estiveram na origem – não sendo a causa de fundo – da queda de Dilma Rousseff há um ano. Enquanto a

Venezuela sucateava boa parte do seu parque produtivo. As coisas também não andaram muito melhor com a indústria do Brasil.

Guinada à direita, na onda do fim do ciclo dos governos “populares” do início do século XXI e da ascensão da extrema-direita na Europa e nos Estados Unidos?

O balanço de quase década e meia de gestão petista não inclui nem mesmo ações de cunho ideológico no âmbito de um verdadeiro projeto de mudanças além do aparelhamento e má gestão dos recursos públicos para saquear o Estado em nome da manutenção do poder. O discurso ideológico tornou-se apenas para inglês ver. O PT não se destacou por uma efetiva política “de esquerda”, como o partido que o substituiu na gestão dos negócios públicos não pode ser caracterizado como de direita ou qualquer outra coisa, sendo antes de tudo um saco de gatos oportunistas cujo único propósito na vida é o acesso aos mais altos cargos e acúmulo de riqueza na vã glória da cobiça humana.

As feições dos líderes “de esquerda” são talvez mais parecidas com as das populações que representavam e representam mas eles estiveram longe de se comportar como governantes lúcidos e voluntariosos, limitando-se a reproduzir os vícios de sempre e, como se vê no Brasil com as revelações da Operação Lava Jato, roubando-os como – e com – as oligarquias que os precederam.

O Brasil é passado a limpo pela operação conjunta da Polícia Federal e da magistratura, que revelou uma nova mentalidade de juízes e investigadores e atingiu grande parte do mundo político e empresarial, independentemente de opções político-ideológicas ou ramo de atividade, no setor público como no privado. Até ela não havia lei nem regras a respeitar, como não há uma sociedade civil organizada para pugnar pelos seus direitos e interesses. Como a Operação Mãos Limpas em Itália acabou por redundar na ascensão de Sílvio Berlusconi, cria do regime que ela derrubou, a partir da chamada “lei salva ladrões”, a Lava Jato pode até malograr-se, mas já mostrou o caminho da moralização do país. Pela primeira vez, políticos e empresários dos mais altos níveis foram para a cadeia. Nada mau para países em que parecia que se roubava com ainda mais gosto pela sua longa e forte tradição de impunidade. O país, hoje de novo de tanga, vestiu a toga porque não há direito respeitado sem decisões judiciais. E como a de Itália acabou com a “salva ladrões”, a campanha “moralista” - segundo uma facção que é alvo dos processos judiciais

-, supostamente destinada a atingir a classe política, poderá soçobrar pelos velhos vícios de sempre: procuradores e juízes já são abertamente apontados como candidatos às eleições de 2018.

Nas últimas décadas a América Latina tornou-se reserva e pasto de gente e natureza vilipendiados e sem meios de desenvolvimento harmônico, com republiquetas e republicões de bananas sem rei nem roque, jogados à própria sorte, sem promessas exequíveis de um futuro menos indecente.

Os novos alcaides “de esquerda” prometiam a redenção e isso é música para os ouvidos da população católica ou cristã, nas designações pentecostais e neopentecostais, sobretudo para o Brasil do catolicismo pré-Concílio de Trento, medieval, que germinou, mais que em paróquias, pela perseverança de beatos e missionários ianques avôs dos grassroots que ajudaram a eleger Donald Trump, grandes propagadores da fé dos ermitões das montanhas, adventistas e sebastianistas. O regresso de d. Sebastião ou do Messias é não raro a única verdadeira esperança.

Sobre o populismo chavista na Venezuela diz-se que plantou o ódio de classes enquanto fez propriedade privada de recursos públicos numa sociedade contaminada pelo componente religioso messiânico e critica-se as nacionalizações e o aparelhamento de empresas estatais por políticos e aliados sem qualificação. No Brasil ao menos não se nacionalizou nada.

Combate à pobreza é bom. Erro é apresentá-lo como doação de um líder magnânimo, o que há de mais velho na América Latina – o caudilhismo populista. Que acena com o tigre de papel: a Alba Bolivariana, que se espria pela região como o “socialismo do século XXI”.

As experiências económicas “heterodoxas” no Brasil, na Argentina e Venezuela pareceram tão anacrónicas como os protestos anti-imperialistas dez, vinte anos depois da queda do muro de Berlim e custaram muito caro aos que deveriam delas beneficiar. A redistribuição de renda inicial foi em parte devida ao relativo equilíbrio das contas públicas mantido desde o governo do socialdemocrata Henrique Cardoso, mas sobretudo ao boom das commodities, findo o qual as contas estão outra vez desreguladas e a fonte da redistribuição (através de subsídios estatais) secou. No caso do Brasil, além disso, a ideologia foi mero fogo de vista a encobrir, por um lado, um elevado grau de inguinorãça e incompetência e, do outro, uma adesão despuadora ao assalto aos cofres públicos praticado há dois séculos pelas alegadas inimigas de antes e de sempre: “as elites”.

Salvo as exceções chilena e costarriquenha, nenhum país da região demonstrou possuir uma visão estratégica de desenvolvimento social e econômico, menos ainda em conjunto. Além do acordo alfandegário do Mercosul, que não passa disso, e do seu congénere Pacto Andino só se ensaiou a formação de uma presumida frente anti-imperialista, que se torna moda latino-americana a que nem os parceiros dos Brics (Rússia, Índia, China e África do Sul) ligam. Acordos alfandegários como o Mercosul não têm qualquer significado no mundo atual. Parceria comercial privilegiada com a Argentina à parte, para todos os efeitos o Brasil está tão longe dos vizinhos hispânicos como de África. E os vizinhos idem-idem em relação ao Brasil. O milionário acordo Lula-Chávez de cooperação no sector do petróleo, associado ao ingresso da Venezuela no Mercosul, foi um desastre.

A Argentina é um grande parceiro comercial do Brasil mas até a presidente Cristina Kirchner ora e vez dá para trás nos companheiros protobolivarianos com suspensões automáticas de licenciamentos de importação de produtos brasileiros. Também por aí se vê erros no comando verde-amarelo.

No tempo de Lula, antes de retaliar e punir medidas unilaterais de proteção, causando estragos às relações bilaterais, ministros e técnicos ponderavam sobre os problemas econômicos da Argentina no intuito de reerguer a bandeira do “Terceiro Mundo” e impor-se como líder regional incontestável.

O Mercosul em conjunto representa a quinta economia do mundo mas o acordo alfandegário não tem estratégia comum de política de comércio externo. Cada qual cuida de si como pode. Não há uma visão de alianças estratégicas além da China, que é o óbvio ululante, e no caso do Brasil a África inconsútil de hábitos corruptos. Não há entente União Europeia-Mercosul ou uma ideia de parcerias inovadoras com países de algum modo semelhantes e com que poderia promover ações complementares. Lamentou-se em 2015 que o país não faça parte do grupo Ásia-Pacífico, que Trump prometeu em campanha fazer implodir. Nesse tempo o Brasil não poderia alinhar com o imperialismo...

Falta visão estratégica em comércio externo: em 2012 havia 17 ministérios para cuidar do setor no Brasil, que não tinha uma política de governo mas de ministérios – 39, no segundo mandato de Dilma Rousseff, que os usava para acomodar os oito partidos que chegaram a integrar os seus governos.

O comércio exterior brasileiro reflete a progressiva reprimarização e uma hipercommoditização da economia local, fruto de governos sem visão estratégica que acabaram por acentuar também a desindustrialização num país com vastas regiões ainda pré-industriais.

O protecionismo, que em verdade nunca desapareceu, voltou com Lula da Silva e, com o fogo de palha do boom das commodities, a conjuntura tende a manter-se no patamar de sempre: um setor produtivo viciado no regime de baronato em que as próprias empresas estrangeiras acomodaram-se ao parasitismo patrimonialista.

Pela sua própria natureza pujante e vasta, o Brasil seria por força um viveiro de inovação. Que ao menos em tempos foi (a bossa nova, a Tropicália, o cinema novo...) novidadeiro (sê-lo-á ainda?). O desenvolvimento de produção de energia a partir de outras fontes naturais em que o país é pródigo emperra e quase desanda sem nenhuma visão estratégica de política para o setor, que só se desenvolve pela irrefreável marcha do tempo. Outro exemplo é o setor sucroalcooleiro, que fez do Brasil o pioneiro no uso de biocombustíveis e em relação ao qual os quatro governos liderados pelo PT não mostraram nenhuma visão estratégica. Como se situou, nesse quadro, a matriz energética - e, dentro desta, o álcool combustível, levando em conta os fatores econômicos, sociais e ambientais? Totalmente à margem dos debates e cogitações. Ao contrário, promoveu-se à toda o abuso do uso do combustível fóssil. A falta de ousadia foi também patente na área dos costumes, em que se alimentou em vez de combater preconceitos além da propalada luta pela igualdade racial - um combate que ajudaria a debelar algumas das suas maiores aberrações, como a violência.

Ao invés de aproveitar ventos de popa como os do ciclo de alta das commodities para promover mudanças duradouras, o Brasil da era Lula optou por políticas emergenciais de tapa-buracos que não tardaram a estourar pelos remendos.

Hoje pouco importa, mas por ocasião do boom econômico do ciclo das commodities Lula foi projetado pelos media como uma forte liderança dos Brics: é ainda justamente o imperialismo norte-americano a razão pela qual o Brasil executa uma política externa equivocada, para analistas que não seguiam a cartilha petista, ao apoiar o Irã de Mahmoud Ahmadinejad quando o Grande Satã tenta isolá-lo por causa do seu programa nuclear – passando recibo de ingenuidade (pagando mico) ao alegar que o país dos aiatolás tem o

direito de desenvolver o seu projeto nuclear para fins pacíficos. Errou ao não retaliar decisão do governo Evo Morales, da Bolívia, de nacionalizar investimentos da estatal brasileira Petrobras no país; enfim, ao perdoar dívidas “de cleptocratas africanos” com o Brasil.

- Eu não quero que a Petrobras aja como as multinacionais agiam no começo da década de 50 (mas) pagando preço justo e ganhando - contemporizou Lula ao comentar o episódio boliviano, dando-se ares de patrão de multinacional, como as norte-americanas que punham e dispunham na América Latina também nos anos 1960 e 70.

Observadores que a criticam chamam a isso erros e micos da diplomacia “terceiro mundista”. O objetivo de Lula e herdeira no seu primeiro governo é claro: fazer de fóruns como os Brics versões modernas do grupo dos não-alinhados... com os Estados Unidos. A imagem do Brasil é prejudicada por más companhias como Argentina e Venezuela, de que deveria manter distância, dizem analistas do contra. Não é lógico investir apenas em políticas emergenciais de tapa-buracos mas aproveitar ventos de popa para promover mudanças duradouras, o que o Brasil não faz.

A América Latina espera há séculos pela redenção e ao aceno de uma promessa olha para o mensageiro como salvador da pátria. A fisionomia e fala direta e simples, bem popular, dos novos líderes transmitem ao povo ainda maior confiança. Fé cega, faca amolada: os novos alcaides desarranjam as economias num mundo dominado pelo capitalismo financeiro selvagem globalizado, a que a região está inapelavelmente integrada, e a que supostamente pretendiam opor-se. Arrombam e quase levam à lona gigantes estatais como a Petrobras e a PSVA e não oferecem benefícios visíveis em áreas prioritárias como educação, saúde e infraestrutura básica. Isso tudo foi denunciado no Brasil nas grandes manifestações de 2013, quando se exigiu escolas, hospitais, creches, canalização e tratamento de esgotos de “padrão FIFA”, além de se pôr fim ao regime da corrupção.

Haja fé para esperar.

2017

TrumRASputin

BRASIL E AMERICA LATINA
NO FIM DE MUNDO DO PLANETA-MERCADO DA ERA TRUMP

do zapatismo ao pós-bolivarismo no quintalão da América
região permanece parte do "resto do mundo", que pouco importa

revolucionibus.com

FROM the 1950's to the 2020's

THE *beat* goes ON

Gore de Lincoln a Trump

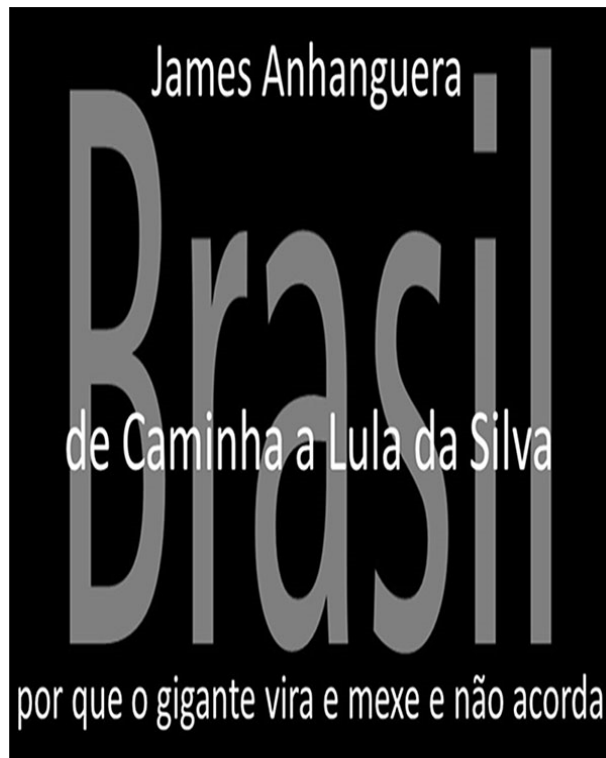
The beat goes on

Novembro, 9, 2016

Build that wall!
Build that wall!

tudo o que você queria saber sobre o
Brasil hoje e ia levar muito tempo para
coletar na web

O B-r-a = Bra do Brasil
de Caminha à atualidade



Brasil de Caminha a Lula da Silva - por que o gigante vira e mexe e não acorda, de James Anhanguera, é uma reportagem em estilo de crônica do cotidiano e histórica pensada e vivenciada em diálogo com os melhores pensadores, comentaristas e criadores do país - a súpula dos estudos e vivência da realidade brasileira em mais de 40 anos de trajeto do autor entre os dois lados do Atlântico.

Mergulha no Brasil na Era PT e busca na história pistas para a compreensão do clima de caos político e social do país.

O texto, que visa antes do mais informar sobre como se viveu e vive no país mas também desbancar o mito de que os governos liderados por um partido de esquerda por quase década e meia conduziam política de efetivo combate às desigualdades, quando não procederam às necessárias mudanças estruturais e comportamentais que as circunstâncias exigem para o desenvolvimento humano e o propalado desenvolvimento sustentado.

É o guia “da hora” do Brasil. Mas não é produto apenas do calor da hora: a leitura da atual conjuntura social, política e económica brasileira baseia-se também no relato das prováveis causas do *por que o gigante vira e mexe e não acorda*. Ainda no início da década ele era visto como uma nova superpotência e de novo afunda na crise econômica e política, num quadro social cada vez mais degradado.

O texto oferece uma ampla visão no tempo e no espaço do desconcerto que leva a rupturas traumáticas como a do afastamento da presidente Dilma Rousseff através de um golpe (baixo) institucional.

A língua portuguesa carecia de um guia condensado com uma visão idiomática global (transcontinental) do Brasil. Não de parte, com uma visão apenas local (e circunstancial) dos fenômenos.

O relato parte de uma visão da realidade em movimento pendular do presente à história e da história ao presente.

É a primeira compilação do gênero feita por um brasileiro com duas décadas de vida na Europa, sobretudo em Portugal, onde (quase) tudo teve a sua origem. Isso permite-lhe retratar a realidade com uma visão distanciada e enformada em como se vive e pensa no mundo que em grande medida o formatou (o Brasil e o autor). Via de regra brasileiros conhecem (mal) uns poucos pontos do globo.

O que dá ao relato uma perspectiva única.

Brasil de Caminha a Lula da Silva - por que o gigante vira e mexe e não acorda é também o guia para quem, face ao atoleiro europeu, esteja interessado em investir numa carreira ou em negócios no Brasil, apesar dos maus hábitos de gestão do país, que tendem a melhorar se a operação conjunta Polícia Federal-promotoria pública-justiça prosseguir e impor ao país

uma boa dose de moralização da gestão de negócios públicos e privados. Por ele já saberá com o que contar e como se precaver.

James Anhanguera, cujo criador nasceu no Rio de Janeiro em 1954 e brotou do olho de uma palmeira em Lisboa em 1972, teve intensa e ampla atuação na mídia portuguesa (imprensa, rádio e televisão) nos anos 1970 e 1980 como especialista em Brasil e música popular brasileira, de que resultou a publicação dos livros *Corações Futuristas – notas sobre música popular brasileira*, A Regra do Jogo, Edições, Lisboa, 1978, e *Fragmentos de Brilhante – colagem de belezas & tristezas do Brasil e da MPB*, Edição do Autor/Pau Brasil, Lisboa, 1979.

Em 1988 está com o criador no regresso ao Brasil como correspondente da RTP – Radiotelevisão Portuguesa, TSF –Rádiorjornal e Lusa – Agência de Informação.

Em 2008 funda o website revolucionibus.com, com meia dúzia de bancos de dados sobre temas históricos e da atualidade e em que divulga a sua obra, a que acrescentou cinco livros.

James Anhanguera

jornalista, escritor, produtor de conteúdo multimedia

fundador do website revolucionibus.com

curriculum vitae em resumo

O criador nasce no Rio de Janeiro em 1954 e muda-se em 1970 para Lisboa, onde integra os quadros da Rádio Universidade.

Em 1971 trabalha em Londres como correspondente do suplemento Ponto, do jornal Diário de Lisboa.

A criatura nasce do olho de uma palmeira de Pindorama em Lisboa, em 1972.

Em 1978 publica o seu primeiro livro, *Corações Futuristas – Notas sobre música popular brasileira, A Regra do Jogo*, Edições, Lisboa, título de referência bibliográfica em obra de Heloísa Buarque de Holanda, fonte de pesquisa recomendada em cursos como o da Faculdade de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e citado em teses de graduação, pós-graduação e doutorado defendidas em várias universidades brasileiras.

Reside no mesmo ano em Paris, onde colabora com a secção portuguesa da Radio France Internationale e trabalha como correspondente do semanário *Edição Especial*, de Lisboa.

Publica em 1979 o seu segundo livro, *Fragments de Brilhante – colagens de belezas & tristezas do Brasil e da MPB*, Edição do Autor/Pau Brasil, Lisboa.

Em 1982 transfere-se para Roma, onde trabalha como correspondente de diversos órgãos de informação de Portugal, de França (Radio France Internationale, secção brasileira) e do Brasil (Folha de São Paulo, revista Placar e Rádio Guaíba de Porto Alegre), dá o seminário Breve História da Música Popular Brasileira no Centro de Estudos Brasileiros (CEB) da Embaixada do Brasil em Roma (1983) e publica uma série de reportagens sobre Portugal na revista mensal italiana dialogo nord sud.

Em 1988 regressa ao Brasil, onde trabalha como correspondente de órgãos de informação portugueses e angolanos e colabora com órgãos de informação brasileiros.

Entre 1999 e 2005 escreveu os livros A triste e bela saga dos brasileiros – do desastre de Sarriá às arenas italianas, La triste e bella saga dei brasiliani – dalla tragedia del Sarrià alle arene italiane, Era Uma Vez a Revolução e Rumo à Estação Oriente, publicados em português e italiano, na totalidade ou parcialmente, no website [revolucionibus.com](http://www.revolucionibus.com), que lançou em outubro de 2007.

James Anhanguera

curriculum vitae por extenso

- 1970/72 **Rádio Universidade**, Lisboa: sonorização e montagem e realização de programas; chefe dos Serviços Musicais e de Montagem;
- 1971 **Diário de Lisboa**, suplemento Ponto: correspondência de Londres sobre rock e mass media;
- 1972 jornal **República**, Lisboa: editoria de espectáculos;
- programa **Tempo Zip**, **Rádio Renascença**, Lisboa: política, assuntos sociais, música;
- 1972/73 jornal **Musicalíssimo**, Lisboa: redacção; crónicas e noticiário sobre música popular, MPB, Brasil - actualidade política e social, arte e literatura;
- 1973 **Jornal do Comércio**, Lisboa: crítica de música popular;
- 1973/74 **Rádio Renascença**, Lisboa: Serviço de Noticiários;
- revista **Cinéfilo**, Lisboa: MPB, arte e cultura no Brasil, mass media e música popular portuguesa;
- 1974 programa **Radorama**, **Rádio Renascença**, Lisboa: intervenções sobre MPB;
- Eleições no Brasil – série de programas, **Rádio Clube Português/AM**, Lisboa;
- série de programas sobre MPB, **Rádio Clube Português/FM**, Lisboa;
- selecção para publicação em Portugal e divulgação do catálogo da gravadora Odeon/Brasil para editora Valentim de Carvalho, Lisboa, com sessões fonográficas no Hot Club de Portugal;
- 1975 jornal **Sempre-Fixe**, Lisboa: crítica de música popular;
- o jornal**, Lisboa: crítica de música popular;
- programa **Rock em Stock**, **RTP – Radiotelevisão Portuguesa**: colaboração;
- 1975/76

-
- Jornal Novo**, Lisboa: crítica de música popular;
 - jornal **Página 1**, Lisboa: crítica de música popular;
 - jornal **Gazeta da Semana**, Lisboa: música, arte, política;
 - 1976/80 jornal **Expresso**, Lisboa: música, assuntos políticos e sociais, psiquiatria;
 - 1977 jornal **Telex**, Lisboa: música, entrevista com Julian Beck, criador do Living Theatre, de Nova York;
 - jornal **Chaimite**, Lisboa: crítica de música popular;
 - revista **Música & Som**, Lisboa: crítica de música popular;

-
- 1977/80 **Os Cantores do Rádio**, programa de José Nuno Martins, **Rádio Comercial/FM**, Lisboa: intervenções sobre MPB;
 - 1978 **Corações Futuristas –notas sobre música popular brasileira**, A Regra do Jogo, Edições, Lisboa;
 - jornal **Se7e**, Lisboa: MPB;
 - jornal **Diário de Notícias**, Lisboa: Suplemento Cultural;
 - Radio France Internationale**, secção portuguesa, Paris: cultura;
 - jornal **Edição Especial**, Lisboa: correspondência de Paris;
 - jornal **Edição Especial**, Lisboa: redacção;
 - 1979 jornal **Portugal Hoje**, Lisboa: crítica de música popular;
 - Fragmentos de Brilhante – colagens de belezas & tristezas do Brasil e da MPB**, Edição do Autor/Pau Brasil, Lisboa;
 - 1980/82 jornal **Expresso**, Lisboa: política, assuntos sociais, MPB, desporto;
 - jornal **Diário de Notícias**, Lisboa: crítica de jazz e MPB;
 - 1981 in **Antologia da Novíssima Poesia Brasileira**, de Gramiro de Matos e Manuel de Seabra, Livros Horizonte, Lisboa;
 - revista **diálogo nord sud**, Roma: política portuguesa;
 - 1982/83 jornal **Expresso**, Lisboa: correspondente em Roma;
 - 1982/88

- 1982/88 jornal **Expresso**, Lisboa: correspondente em Roma;
- 1983 **Breve História da Música Popular Brasileira**, seminário, Centro de Estudos Brasileiros, Embaixada do Brasil em Roma;
- Rádio Guaíba**, Porto Alegre, RS: correspondente em Roma;
- 1983/84 **Rádio Comercial/AM**, Lisboa: correspondência de Roma;
- 1984 jornal **A Bola**, Lisboa: correspondente em Roma;
- jornal **Folha de São Paulo**, São Paulo: correspondente em Roma;
- 1984/85 **Radio France Internationale**, seção brasileira, Paris: correspondente em Roma;
- programa **No Calor da Noite**, **Rádio Comercial/AM**, Lisboa: correspondente em Roma;
- revista **Placar**, São Paulo: correspondência de Roma;
- 1986/87 **Anop – Agência Noticiosa Portuguesa**, Lisboa: correspondente em Roma;
- 1987 agência **NP – Notícias de Portugal**, Lisboa: correspondente em Roma;
- ~~1987/88~~
-

- 1987/88 **Lusa – Agência de Informação**, Lisboa: correspondente em Roma;
- RTP – Radiotelevisão Portuguesa**, Lisboa: correspondência de Roma;
- 1988 **TSF Radiojornal**, Lisboa: correspondente em Roma;

-
- 1988/89 **RTP – Radiotelevisão Portuguesa**, Lisboa: correspondente no Rio de Janeiro;
- TSF Radiojornal**, Lisboa: correspondente no Rio de Janeiro;
- 1989 jornal **Expresso**, Lisboa: correspondência do Rio de Janeiro;
- 1990 **Filipe Mukenga no Rio**, programa de TV coproduzido pela TPA – Televisão Popular de Angola e Videoviews do Brasil: coprodutor executivo e realizador;
- Jornal de Notícias**, Porto: correspondente no Rio de Janeiro;
- 1990/97 **Lusa – Agência de Informação**, Lisboa: correspondente no Rio de Janeiro;
- 1997 jornal **Correio da Semana**, Luanda: correspondência do Rio de Janeiro;
- 1998 **Jornal de Angola**, Luanda: Capoeira do Brasil “regressa” a Angola; série de três reportagens;

- 1999/00 jornal **Gazeta Mercantil**, São Paulo: reportagens sobre Luanda e Lisboa;
- 2000 Guerra em Angola, programa **Sala de Notícias**, **TV Futura**, Rio de Janeiro;
- 1999/00 **A triste e bela saga dos brasileiros – do desastre do Sarriá às arenas italianas**; inédito em livro, publicado na íntegra a partir de 2007 no website **revolucionibus.com**;
- 2000/01 **La triste e bella saga dei brasiliani – dalla tragedia del Sarriá alle arene italiane**; inédito em livro, publicado na íntegra a partir de 2007 no website **revolucionibus.com**;
- 2002/05 **Era Uma Vez a Revolução**; inédito em livro, publicado parcialmente a partir de 2007 no website **revolucionibus.com**
- Rumo à Estação Oriente**; *work in progress*, inédito em livro, publicado parcialmente a partir de 2007 no website **revolucionibus.com** e a gerar sucedâneos como **Lisboa Low & High Tech**
- 2007/16 **revolucionibus.com**
- 2016 Brasil de Caminha a Lula da Silva – por que o gigante vira e mexe e não acorda

revolucionibus.com

facebook.com/james anhanguera

twitter.com/revolucionibus

instagram.com/revolucionibus

canal youtube.com: dothewho



© James Ananguera 2017